

# O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E A CRÍTICA À IDEOLOGIA PROMOVIDA PELA CLASSE DOMINANTE

Francisco Brandão Aguiar<sup>1</sup>  
Eduardo Ferreira Chagas<sup>2</sup>

## Resumo

O conceito de materialismo histórico-dialético constitui-se como algo essencial para o exame crítico das estruturas sociais. Desenvolvido por pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, tal expressão busca examinar a história e a sociedade a partir de fundamentos materiais e econômicos. Por outro lado, a ideologia refere-se a uma gama de valores e crenças que moldam a visão global e validam as estruturas de poder existentes. Destacada, por algumas abordagens, como um instrumento de controle e dominação, essa ideia pode influenciar comportamentos e ações sociais. Partido desses pressupostos, esse trabalho tem como objetivo abordar os fundamentos teóricos do materialismo histórico-dialético, enquanto instrumento para fundamentar uma crítica à ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante. A pesquisa utiliza uma abordagem bibliográfica, indireta e qualitativa e as conclusões que podem ser destacadas revelaram que: Antoine de Tracy introduziu o conceito de ideologia como uma *ciência das ideias*, reduzindo-as a sensações simples. Por outro lado, Karl Marx e Antonio Gramsci desaprovam essa visão, mostrando como a ideologia serve aos interesses da classe dominante para manter sua supremacia. Já o materialismo histórico-dialético, ao enfatizar a influência do modo de produção material no desenvolvimento humano-social, pode emergir como uma antítese à ideologia, assim, a relação entre ideologia e materialismo histórico-dialético se estabelece na capacidade deste último de desafiar o discurso pró-capitalista, expondo suas contradições e promovendo a conscientização das classes oprimidas.

**Palavras-chave:** Ideologia. Materialismo histórico-dialético. Karl Marx. Antonio Gramsci.

221

## THE HISTORICAL-DIALECTICAL MATERIALISM AND THE CRITIQUE OF IDEOLOGY PROMOTED BY THE RULING CLASS

### Abstract

The concept of historical-dialectical materialism is essential for the critical examination of social structures. Developed by thinkers such as Karl Marx and Friedrich Engels, this framework seeks to analyze history and society based on material and economic foundations. On the other hand, ideology refers to a set of values and beliefs that shape the overall worldview and validate existing power structures. Highlighted by some approaches as an instrument of control and domination, ideology can influence social behaviors and actions. Based on these premises, this work aims to address the theoretical foundations of historical-dialectical materialism as a tool to critique the order established by the ideology of the ruling class. The research employs a bibliographic, indirect, and qualitative approach, and the findings reveal that: Antoine de Tracy introduced the concept of ideology as a science of ideas, reducing them to simple sensations. Conversely, Karl Marx and Antonio Gramsci reject this view, demonstrating how ideology serves the interests of the ruling class to maintain its supremacy. Historical-dialectical materialism, by emphasizing the influence of the material mode of production on human-social development, can emerge as an antithesis to ideology. Thus, the relationship between ideology and historical-dialectical materialism lies in the latter's ability to challenge pro-capitalist discourse, exposing its contradictions and promoting the awareness of oppressed classes.

**Keywords:** Ideology. Historical-dialectical materialism. Karl Marx. Antonio Gramsci

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2023). Professor no Instituto Federal do Amazonas (IFAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0860-4189>. E-mail: francisco.aguiar@ifam.edu.br.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha) (2002) Professor da Universidade Federal do Ceará (associado 4) do Curso de Filosofia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br

## **Introdução**

O conhecimento da teoria que permeia os conceitos de ideologia e materialismo histórico-dialético caracteriza-se como um fator essencial para uma análise crítica das dinâmicas que configuram nossa sociedade. A ideologia, um termo frequentemente utilizado no discurso da atualidade, refere-se ao arsenal conceitual, valores e concepções que podem influenciar na maneira como o mundo é percebido. Em relação à classe dominante, alguns intelectuais acreditam que ela exerce uma função determinante na reprodução/validação das estruturas de poder preexistentes, ao mesmo tempo em que influencia as percepções, comportamentos e ações dos membros de uma sociedade.

Por outro lado, o materialismo histórico-dialético é uma óptica sócia filosófica que perquire compreender a história, bem como a sociedade, levando em consideração suas bases materiais, econômicas e sociais. Desenvolvido por pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, essa conceituação analisa as relações de produção, as classes sociais e os conflitos de interesse que impulsionam o desenvolvimento da história. Ademais, nessa maneira de pensar há um reforço em relação ao papel da dialética, que enfatiza a interação entre as forças materiais, na construção da realidade social.

Partindo do pressuposto das assertivas anteriores, esse trabalho tem como objetivo abordar os fundamentos teóricos do materialismo histórico-dialético, enquanto instrumento para fundamentar uma crítica à ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante. Ademais, implicitamente a nosso objetivo, busca-se analisar e elucidar as bases conceituais desses dois pilares fundamentais da teoria social, investigando suas origens, desenvolvimentos e implicações para a compreensão das dinâmicas sociais. A importância de nossa pesquisa dá-se justamente pelo fato de que, ela busca trazer de maneira elucidativa os conceitos de ideologia e materialismo histórico-dialético, bem como, a partir da abordagem deste último conceito, pretendemos vislumbrar um implemento de luta contra a ideologia promovida pela classe dominante.

Nossa abordagem trata-se de um estudo bibliográfico, indireto e qualitativo, desenvolvido por meio da interlocução crítico-discursiva. Para tanto, o estudo está dividido em dois momentos ao longo dos quais trabalharemos as considerações sobre o conceito de ideologia e o materialismo histórico-dialético como instrumento para fundamentar uma crítica à ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante.

## **Considerações sobre o conceito de ideologia**

Durante nossa investida pela pesquisa teórica podemos observar que, ao longo do percurso da história, foi acumulada uma vasta coleção em relação à concepção do conceito de ideologia. Neste sentido, é notório se evidenciar em muitos casos a existência de um considerável acervo de conceitos permeados por contradições e ambiguidades. Portanto, sua trajetória se desenrola por um intrincado e pouco definido enredo de interpretações e questionamentos (LÖWY, 2006). Nessa perspectiva,

Tanto na linguagem política prática, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica não existe talvez nenhuma outra palavra que possa ser comparada à ideologia pela frequência com a qual é empregada e, sobretudo, pela gama de significados diferentes que lhe são atribuídos (BOBBIO, 1998, p.585).

No itinerário que reconstrói a origem do termo ideologia, seu surgimento emerge no horizonte intelectual em torno do ano de 1801. Nessa conjuntura inicial, sua essência primordial era concebida como a *ciência das ideias*. Essa representação trazia consigo uma abordagem intrínseca à compreensão das ideias e suas origens, refletindo uma época em que a investigação das ideias era central para o pensamento da ciência (MANNHEIM, 1966).

223

A palavra ideologia, em uma de suas primeiras aparições, foi utilizada por Antoine de Tracy (1754 - 1836), filósofo francês, em sua obra *Eléments d'idéologie* (1801). Tracy estava interessado em compreender como as ideias eram formadas na mente das pessoas e como elas seriam capazes de incutir seu comportamento e suas crenças. O pensador acreditava que todas as ideias poderiam ser diminutas a sensações simples e que as palavras carregavam um potencial para serem usadas como um mecanismo para comunicar essas sensações. Portanto, para Tracy, a ideologia era uma *ciência das ideias*, enquanto análise sistemática das sensações que formam a base do conhecimento humano. Vale destacar que, sua abordagem foi bastante influente durante o século XIX (TRACY, 1801).

Karl Marx (1818 - 1883) será um crítico a compreensão do conceito de ideologia defendido por Tracy, pois acreditava que os ideólogos promoviam uma subversão entre realidade e o pensamento, de modo que os fatos se adequassem as ideias e não o contrário. Somos conhecedores do fato que, de acordo com os escritos de Marx, em nossa sociedade vemos uma intensificação significativa da dominação do capital sobre o trabalho, resultando em consequências nada favoráveis para a humanidade. A ideologia surge no pensamento marxista dentro desse contexto, isto é, ela busca engendrar uma consciência do momento atual

como algo necessário e natural, subvertendo a lógica do capital que se caracteriza por uma dominação e exploração crescente, cito Marx,

A ideologia é, assim, uma consciência equivocada, falsa, da realidade. Desde logo, porque os ideólogos acreditam que as ideias modelam a vida material, concreta, dos homens, quando se dá o contrário: de maneira mistificada, fantasmagórica, enviesada, as ideologias expressam situações e interesses radicados nas relações materiais, de caráter econômico, que os homens, agrupados em classes sociais, estabelecem entre si (MARX, 2013).

Para Marx (2004), o trabalhador se torna mais pobre na medida em que mais riqueza produz, isto é, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão, mais ele se torna vazio e carente. No sistema produtivo do capitalismo, o trabalhador se torna uma mercadoria ainda mais desvalorizada do que as próprias mercadorias que ele cria. Existe aqui o que Marx irá chamar de valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*), fator que aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*). Assim, o trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria.

A ideologia é aquele elemento que subverte a relação que está descrita no parágrafo anterior, obscurecendo a realidade subjacente, isto é, ela cria a ilusão que quanto mais trabalho um indivíduo realiza, mais ele será capaz de desfrutar dos lucros e eventualmente alcançar um status de riqueza. Essa narrativa ilusória ignora as estruturas de poder e as disparidades socioeconômicas que frequentemente determinam quem se beneficia realmente do trabalho árduo. Em muitos casos, são os interesses dos proprietários dos meios de produção que ditam como os lucros são distribuídos, deixando os trabalhadores em desvantagem. Assim, a ideologia pode servir como um véu que encobre as relações de classe subjacentes, perpetuando a ilusão de meritocracia e impedindo uma compreensão verdadeira das dinâmicas econômicas e sociais.

Marx, no sentido do parágrafo anterior, argumenta que no funcionamento da economia, a relação entre o salário e o lucro do capital é frequentemente determinada pelos interesses predominantes dos detentores do capital. Nesse contexto, a racionalidade tácita não é tanto a equidade ou justiça social, mas sim o benefício do capitalista. A remuneração do trabalhador, muitas vezes, é moldada não apenas pela contribuição real do trabalhador para a produção, mas pela lógica de maximização de lucros do empregador. Os salários são estabelecidos de acordo com a pressão competitiva do mercado de trabalho e a necessidade de manter os custos de produção baixos, em vez de refletir verdadeiramente o valor do trabalho empregado ou o bem-estar dos trabalhadores (MARX, 2004).

Gramsci, consentindo com o pensamento marxista em relação à ideologia, argumenta que a dominação de uma classe sobre as outras não ocorre apenas por meio da força econômica ou política, mas também pela disseminação de suas ideias e valores culturais como normativos para toda a sociedade. Gramsci via a ideologia como um instrumento essencial na manutenção do *status quo* e da ordem social. Assim, as ideias dominantes de uma sociedade refletem os interesses da classe dominante e são promovidas para garantir sua continuidade no poder (GRAMSCI, 2011).

Gramsci salienta a importância do *consenso* e da *coerção* na manutenção da supremacia da classe. Enquanto a *coerção* se refere ao uso direto da força para cercear discordâncias, o *consenso* é obtido pela propagação de ideias e valores que levam as pessoas a aceitar naturalmente a ordem social existente como legítima. O pensador via a ideologia como uma parte integrante do poder e da dominação social, que molda não apenas as mentes das pessoas, mas também as estruturas sociais e políticas de uma comunidade (GRAMSCI, 2011).

Nessa mesma perspectiva, Thompson (1995) argumenta que, a ideologia caracteriza-se como um conjunto de significados que incutem na perspectiva simbólica presente na criação, legitimação e manutenção das relações desiguais de interesse. O pensador acredita que a ideologia carrega consigo dois atributos: o *sentido* e a *dominação*. O *sentido* refere-se às formas simbólicas, é a parte integrante do meio social correspondente a uma série de atitudes e ações, que de alguma maneira são responsáveis pela construção de significados no âmbito social. A *dominação* está relacionada, diretamente, à questão do poder assimétrico, isto é, “(...) quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, em grau significativo, permanecendo inacessível a outros grupos, ou a grupos de agentes” (THOMPSON, 1995, p. 80).

Mikhail Bakhtin, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), irá afirmar que a classe dominante tende a conferir a ideologia um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valores que se travam na nossa sociedade, isto é, a classe dominante confere a ideologia um caráter individual, voltado unicamente ao seu interesse de classe. (BAKHTIN, 2006).

O individualismo é uma manifestação ideológica característica do pensamento da classe dominante. A confiança individualista da classe dominante não surge do interior, das profundezas do sujeito, mas do exterior; é a explicitação ideológica do meu status social, da defesa pela lei e por toda a estrutura da sociedade da minha posição econômica individual. Bakhtin argumenta,

A personalidade individual é tão socialmente estruturada como a atividade mental de tipo coletivista: a explicitação ideológica de uma situação econômica complexa e estável projeta-se na alma individual. Mas a contradição interna que está inscrita nesse tipo de atividade mental do *nós*, assim como na estrutura social correspondente, cedo ou tarde destruirá sua modelagem ideológica. (BAKHTIN, 2006, p.119).

Bakhtin (2011, p. 342) também afirma que "o capitalismo criou as condições para um tipo especial de consciência permanentemente solitária". Essa consciência é caracterizada por uma percepção errônea da realidade, que opera em um ciclo vicioso, posicionando o indivíduo como algo à parte da sociedade de classes.

## **O materialismo histórico-dialético como instrumento para fundamentar uma crítica à ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante**

O itinerário das ciências humanas tem desvelado um interesse demasiado na decifração da complexa relação entre sujeito e objeto que, em última análise, representa a interação entre a consciência humana e o mundo circundante (incluindo a natureza e a existência). Este enigma, que nos parece de natureza transcendental, permeia o imo de todas as disciplinas científicas e sua assimilação é passível de múltiplas interpretações. Neste sentido, a dialética, ou mais especificamente o materialismo histórico-dialético, irá emergir como um viés sócio-filosófico para compreensão dessa problemática.

De acordo Löwy (2006), existiu primeiramente um materialismo pré-dialético ou materialismo vulgar, mecânico e/ou metafísico. Esse materialismo tendia a conceber a realidade como composta por elementos estáticos e não reconhecia a importância dos processos de mudança e contradição na compreensão da história e da sociedade. Em suma, era uma abordagem que enfatizava o aspecto material do mundo, mas sem incorporar a dialética como uma ferramenta de análise.

Os fundamentos conceituais para desenvolver uma nova perspectiva sobre o materialismo surgem com Karl Marx e Friedrich Engels. A partir desses pensadores é possível evidenciar um confronto com todas as concepções idealistas do mundo. Podemos citar como exemplo prático desse confronto a obra *A Ideologia Alemã*, um trabalho elaborado em Bruxelas durante os anos de 1845 e 1846. Este livro representa a resposta de Marx e Engels às ideias propostas por um conjunto de filósofos alemães conhecidos como Jovens Hegelianos ou Hegelianos de Esquerda, destacando-se entre eles Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner. O cerne da obra residia na falta de ancoragem na realidade sócio-histórica das teorias

dos filósofos mencionados anteriormente. Os autores da *Ideologia Alemã* identificaram em Bauer e Stirner uma abordagem profundamente idealista do mundo e, portanto, lançaram críticas contundentes contra o método especulativo empregado por esses pensadores (MARX; ENGELS, 2007).

Nesse sentido, Marx e Engels buscaram desfazer as ilusões metafísicas que permeavam as concepções de Bauer e Stirner, destacando a necessidade de uma análise materialista e dialética da sociedade. Os pensadores argumentavam que o verdadeiro entendimento das relações sociais e históricas só poderia ser alcançado através da investigação concreta das condições materiais de existência e das forças que impulsionam o desenvolvimento humano. Assim, ao invés de se perderem em abstrações idealistas, propuseram uma abordagem crítica que fundamentasse suas análises na prática social e nas contradições inerentes ao modo de produção capitalista (MARX; ENGELS, 2007).

No que se refere a crítica de Marx a Feuerbach, o pensador acredita que Feuerbach comete uma falha ao estabelecer as bases de seu materialismo em torno de uma concepção idealizada do ser humano, concebido de forma genérica e desvinculado de sua concretude sócio-histórica. Essa abordagem, ao invés de romper com o idealismo, acaba por reforçá-lo, uma vez que negligencia a influência determinante do contexto social e histórico na formação e na expressão das individualidades humanas. Em outras palavras, em vez de reconhecer a complexidade das relações materiais que moldam e são moldadas pelos seres humanos, Feuerbach se limita a uma visão abstrata e simplista da natureza humana, impedindo uma compreensão genuinamente materialista da condição humana e das dinâmicas sociais, assim,

227

A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias - o de Feuerbach incluído - é que as coisas [*der Gegenstand*], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do objeto [*des Objekts*] ou da contemplação [*Anschauung*]; mas não como atividade sensível humana, práxis, não subjetivamente (MARX, 2003, p.01).

O materialismo histórico-dialético tem como desígnio cessar com todas as tradições idealistas arraigadas. Para Marx (2013) o idealismo é tão-somente uma abstração, inapto a efetivar qualquer modificação real na estrutura social. A intenção primária de Marx é instigar uma revolução social capaz de subverter a ordem estabelecida, na qual a classe dominante mantém seu poder sobre a classe dominada. Assim, a estrutura básica do materialismo histórico-dialético reside na busca pela transformação social, visando conceder ao proletariado acesso ao

poder e o estabelecimento um governo que promova a igualdade tanto econômica, quanto social.

É crucial termos a compreensão de que, de acordo Marx, a transfiguração da realidade social não é apenas apetecível, mas faz-se como algo imprescindível para sustar com as estruturas de poder que perenizam a exploração e a desigualdade. Assim, ao propiciar uma revolução social, o materialismo histórico-dialético aspira não apenas romper com as normas pré-estabelecidas, mas pretende edificar uma nova ordem que garanta a justiça social e o empoderamento das classes oprimidas.

A produção efetivada pelo trabalho humano e a estrutura econômica da sociedade caracterizam-se como elementos cruciais que delineiam e ancoram as civilizações ao longo do desenvolvimento histórico. Desde a gênese da humanidade, as comunidades têm se estruturado em torno da produção de bens e serviços para atender às suas necessidades básicas. A configuração econômica de uma sociedade refere-se ao modo como os recursos são alocados, os sistemas de produção se organizam e as relações de trabalho se estabelecem. Esse arranjo pode modificar-se com ampla margem, desde economias baseadas no trabalho agrícola até economias industriais desenvolvidas. A maneira como os indivíduos produzem, distribuem e consomem recursos é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo tecnologia, cultura, instituições políticas e sistemas de valores.

Não se pode negar, então, o fato de que as relações de produção, a estrutura econômica da sociedade e os meios segundo os quais os recursos são veiculados estão permeados por ideologias, que podem ser expressas e reforçadas por meio das instituições presentes na sociedade. Por exemplo, em uma sociedade alicerçada no sistema capitalista, a ideologia do livre mercado pode influenciar ativamente a estrutura econômica, promovendo a propriedade privada e a competição como princípios fundamentais (MARX, 2013). O materialismo histórico-dialético pode ser citado aqui como uma forma de antítese a ideologia, uma vez que, de acordo com Marx e Engels (1977),

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. [...] O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral (MARX, ENGELS, 1977, p.301).

Portanto, no materialismo histórico-dialético, podemos destacar a análise das relações materiais de produção como a força motriz por trás da mudança social. Nessa



perspectiva, é importante salientar que as dinâmicas de produção constituem o alicerce econômico da sociedade. Isso está em consonância com o materialismo histórico-dialético que postula que, as condições materiais de produção, como as relações entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores, são fundamentais para entender a organização da sociedade. Marx (2013) assume a postura metodológica de buscar compreender a produção capitalista pelo seu caráter histórico-materialista e não baseado em concepções idealistas.

O próprio conceito de história para o marxismo toma cuidado para não ser moldado pela tonalidade do complexo idealista e/ou ideológico. Para Spirkine e Yakhot (1975), o âmago da concepção materialista da história é o trabalho, em si, vivo, concreto. Isso se evidencia pelo fato de que, é por meio do trabalho que o ser humano produz os materiais necessários para sua sobrevivência, Spirkine e Yakhot acrescentam,

A história, escrevem os fundadores do marxismo, não fez nada, “não possui riqueza enorme”, não “trava combates”! É pelo contrário o homem, o homem real e vivo que faz tudo isso, possui tudo isso e trava todos os combates; não é a “história” que se serve do homem como meio para realidade – como se ela fosse uma pessoa à parte, os seus fins próprios; ela não é mais que a atividade do homem na produção de seus objetivos (SPIRKINE; YAKHOT, 1975, p.13).

Antônio Gramsci (2011), remetendo a hegemonia e conseqüentemente a ideologia da classe dominante, delineou a possibilidade de resistir a esse tipo de narrativa, através do conceito de *contra hegemonia*. Assim, a *contra hegemonia* seria um processo no qual os indivíduos e grupos desafiam ativamente as ideias dominantes e trabalham para substituí-las por uma nova visão de mundo. Essa nova perspectiva, em contraposição à ordem estabelecida, é concebida para representar e promover os interesses das classes oprimidas e marginalizadas na sociedade. Por meio da *contra hegemonia*, busca-se não apenas questionar os fundamentos ideológicos da dominação, mas também construir uma alternativa que desafie a estrutura de poder existente e promova a emancipação e a justiça social.

O materialismo histórico-dialético é um conceito que consente e, até certo ponto, basila a pensamento de Gramsci, pois oferece uma análise profunda das estruturas sociais e econômicas da sociedade, revelando como as relações de produção condicionam as ideias e valores predominantes. Ao destacar as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, esse tipo de materialismo expõe as inconsistências entre as promessas ideológicas da sociedade e a realidade vivida pela maioria das pessoas. Ao viabilizar uma compreensão crítica das estruturas sociais, o materialismo histórico-dialético capacita as pessoas a reconhecerem e

questionarem as ideologias dominantes. Neste sentido, ele oferece uma base teórica para a transformação revolucionária. Dentro desse conceito é importante destacarmos, ainda, a presença luta de classes na história e a defesa da emancipação das classes oprimidas. Portanto, o materialismo histórico-dialético é uma perspectiva que pode ser utilizada para capacitar as pessoas a entenderem as origens e os efeitos das ideologias dominantes na busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

## Conclusão

Essa pesquisa teve como objetivo abordar os fundamentos teóricos do materialismo histórico-dialético, enquanto instrumento para fundamentar uma crítica à ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante. Em suma, a pesquisa mostrou que: no tocante as considerações sobre o conceito de ideologia, esse termo foi utilizado pela primeira vez por Antoine de Tracy e caracterizava-se como a *ciência das ideias*. Observamos que, Karl Marx irá criticar a concepção de ideologia concebida por Tracy, pois, acreditava que os ideólogos promoviam uma subversão entre a realidade e o pensamento, de modo que os fatos se adequassem as ideias e não o contrário.

230

Vimos que, para Marx, a ideologia da classe dominante inicia quando ela cria a ilusão de que, quanto mais trabalho um indivíduo realiza, mais ele será capaz de desfrutar dos lucros e eventualmente alcançar um status de riqueza. Isso se configura para o pensador enquanto uma narrativa ilusória, pois na maioria dos casos, são os interesses dos proprietários dos meios de produção que ditam como os lucros são distribuídos, deixando os trabalhadores em desvantagem. Neste sentido, constatamos que a ideologia serve como um véu que encobre as relações de classe subjacentes, perpetuando a ilusão de meritocracia e impedindo uma compreensão verdadeira das dinâmicas econômicas e sociais.

Verificamos que, Antonio Gramsci irá consentir com o pensamento marxista. Gramsci via a ideologia como um instrumento essencial na manutenção do *status quo* e da ordem social. Assim, as ideias dominantes de uma sociedade refletem os interesses da classe dominante e são promovidas para garantir sua continuidade no poder. Ademais, o pensador destaca os conceitos de *consenso* e *coerção*, sendo que, tais conceitos agem na manutenção da supremacia da classe dominante. John Thompson, por sua vez, defende que a ideologia caracteriza-se como um conjunto de significados que incutem na perspectiva simbólica presente na criação, legitimação e manutenção das relações desiguais de interesse.

Observamos que, de acordo com Mikhail Bakhtin a classe dominante tende a dar à ideologia um caráter intangível e acima das diferenças de classe, visando ocultar a luta dos valores sociais na sociedade. Essa ideologia assume uma forma individualista, refletindo exclusivamente os interesses da classe dominante. Além disso, Bakhtin afirmava que o capitalismo criou uma consciência solitária e enganosa, que perpetua um ciclo vicioso ao posicionar o indivíduo como algo separado da sociedade de classes.

No que concerne ao conceito de materialismo histórico-dialético, constatamos que existiu primeiramente um materialismo pré-dialético, caracterizado como uma abordagem que enfatizava o aspecto material do mundo, no entanto, não incorporava a dialética como uma ferramenta de análise. Marx e Engels serão pensadores que passarão a confrontar tudo aquilo que se refere a uma concepção idealista do mundo e, conseqüentemente, o materialismo pré-dialético. *A Ideologia Alemã* será uma obra onde os pensadores buscaram desfazer as ilusões metafísicas que permeavam as concepções da época, destacando a necessidade de uma análise materialista e dialética da sociedade.

Enquanto instrumento para a subversão da ordem estabelecida pela ideologia da classe dominante, o materialismo histórico-dialético busca instigar uma revolução social capaz de subverter a ordem estabelecida. Isso significa conceder ao proletariado acesso ao poder e o estabelecimento de um governo que promova a igualdade. Examinamos que ao propiciar uma revolução social, essa abordagem aspira não apenas romper com as normas pré-estabelecidas, mas pretende edificar uma nova ordem que garanta a justiça social e o empoderamento das classes oprimidas.

Observamos ainda que, o materialismo histórico-dialético é um conceito que consente e, até certo ponto, basila a pensamento de Gramsci, pois oferece uma análise profunda das estruturas sociais e econômicas da sociedade, revelando como as relações de produção condicionam as ideias e valores predominantes. Ao destacar as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, esse tipo de materialismo expõe as inconsistências entre as promessas ideológicas da sociedade e a realidade vivida pela maioria das pessoas; e, ao viabilizar uma compreensão crítica das estruturas sociais, ele capacita as pessoas a reconhecerem e questionarem as ideologias dominantes.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. [Tradução: Carmen C, Varriale]. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia: introdução à sociologia do conhecimento**. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. M. Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Prefácio à contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Edições Sociais, 1977.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: **Manuscrítos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

PIRES, M. F. de C. O materialismo histórico-dialético e a educação. 1997. **Interface: comunicação, Saúde, Educação**, 1(1), 83–94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006>>. Acesso em 12 Mar 2024.

SPIRKINE, A. YAKHOT, O. **Princípios do materialismo histórico**. São Paulo: Estampa, 1975.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria crítica na era dos meios de comunicação de massa**. São Paulo: Vozes, 1995.

TRACY, Antoine Destutt de. **Eléments d'idéologie**. Paris, França: [s.n], 1801.